

Identidades Queer no Video Arte: uma Aproximação Brasil - Colômbia

Identidades Queer en el Video Arte: una Aproximación Brasil – Colombia

Jose David Rojas¹

Resumo: O presente artigo pretende rastrear, no decorrer da arte contemporânea, vídeo artistas que utilizam, dentro de sua produção artística, os conceitos de identidades queer ou LGBT, principalmente artistas brasileiros e colombianos que tem atuado ou que atualmente participam ativamente dentro de circuitos artísticos e expositivos. Além de mapear estes artistas, a intenção é analisar suas obras e identificar, a partir de diferentes teorias de gênero e queer, o conceito de identidade.

Palavras-chave: *Queer, Video-arte, Identidades, Arte latino-americana, Homossexualidade.*

Abstract: *El siguiente artículo pretende rastrear en el transcurso de arte contemporáneo video artistas que han utilizado dentro de su producción artística el concepto de identidades queer y/o LGBT, principalmente artistas brasileiros y colombianos que han participado activamente dentro de circuitos artísticos y expositivos. Además de mapear a estos artistas, la intención es analizar sus obras artísticas e identificar desde diferentes teorías de género y queer el concepto de identidad.*

Keywords: *Queer, Video arte, Identidad, Arte latino americano, Homossexualidad.*

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade federal de Uberlândia. Possui graduação em Artes plásticas y visuales pela universidad distrital francisco jose de caldas(2014). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Artes do Vídeo.

O conceito *queer* nasce depois dos movimentos feministas e LGBT dos anos oitenta e da crise do HIV nos Estados Unidos, durante o neoconservadorismo promovido pelos mandatos do presidente norte americano Ronald Reagan da primeira ministra do Reino Unido, Margaret Thatcher, quando as políticas governamentais não consideravam cidadãos as minorias sexuais, o que colaborava para a desconfiança frente a pessoas de identidades não heterossexuais. A palavra *queer* era utilizada, então, para referir-se desdenhosamente a uma pessoa homossexual. O termo no inglês seria traduzido para o português como estranho, mas também como aberração ou fora do normal; posteriormente os ativistas LGBT se apropriaram da palavra para auto designar-se e identificar-se eles mesmos contra uma cultura homofóbica e machista.

Esta situação social permitiu que grupos ativistas LGBT se estruturassem melhor para lutar por direitos fundamentais e benefícios como qualquer cidadão e ganhassem visibilidade a partir de “marchas” no mundo inteiro. O que poderíamos considerar um “boom gay” faz eco dentro de instituições acadêmicas e começa a dar pautas para intelectuais pensarem o que está fora da heteronormatividade. Os ou as *queer* se denominam fora dos regimes estabelecidos cultural e politicamente, nos quais se nos impõe um gênero baseado em nosso corpo. Nesses regimes normativos o indivíduo deve comportar-se de acordo com o estabelecido culturalmente com o que a filósofa americana Judith Butler chama de performatividade: “a compreensão da performatividade, como ato mediante o qual o indivíduo dá vida ao que nomeia, como esse poder reiterativo do discurso para produzir os fenômenos que regula e impõe a construção do sexo” (BUTLER, 1993, p. 19)

Primeiramente vamos rastrear a origem de uma palavra que é fundamental nas teorias que nomeia, já que foi utilizada como arma contra as pessoas que consideravam a homossexualidade como algo vergonhoso. O Termo *queer* foi utilizado no mundo anglo saxão como um insulto contra gays e lésbicas, os quais se apropriam deste termo para auto designar-se e mostrar orgulho e respeito frente a presente homofobia. O termo foi usado, inicialmente, pela teórica feminista Teresa de Lauretis, num *workshop* organizado na Universidade de Califórnia, em Santa Cruz, Estados Unidos, que coincidiu com a publicação do livro *Inside/Out*, editado por Diana Fuss, o qual é composto por artigos com conteúdos que estruturam muitas das questões com as quais as teorias *queer* se ocupam; assim, outros teóricos definem trabalhos acadêmicos que interatuam com um tipo de ativismo de ação direta, que surge da aparição dos movimentos de liberação LGBT, primeiro nos Estados Unidos e, rapidamente, em Inglaterra.

O termo *queer* se torna, desde então, uma reivindicação de caráter positivo e, no começo dos anos noventa, se consolidam vínculos estreitos entre indivíduos que se sentiam fora da sociedade e das culturas dominantes, tanto gay como heterossexuais. O movimento nasce, principalmente, entre a subcultura punk, dos escritores, cineastas e artistas que não se sentiam conformes dentro da cultura homossexual e muito menos com a cultura heterossexual.

Num primeiro momento, aparecem os *fanzines queer* e posteriormente, filmes, curta metragens, bandas musicais e obras de arte utilizadas para disseminar culturalmente outra forma de expressão dos jovens da classe trabalhadora. Na prática e na teoria, o termo *queer* é em si mesmo uma ferramenta política, não só define uma estrutura teórica, mas surge sim como um termo performativo que estabelece uma relação entre a linguagem e a subjetividade.

Um dos obstáculos principais para abordar as teorias *queer* é entender os limites entre a teoria e a prática política, com o entendimento do termo política como condutas e processos individuais e coletivos relacionados com a identidade que se desliga do termo em inglês *politics*. Isso porque, além os teóricos *queer* extraírem e darem forma a suas teorias a partir do ativismo político, a verdade é que esta área é limitada, pois as teorias se assentaram dentro do

âmbito acadêmico e o ativismo está fortemente marcado pela ação individual ou em grupos pequenos, o que impede uma melhor estruturação e organização. Mas, como explicamos à frente, o primeiro ativismo *queer*, surgido como movimento social a partir de criação de grupos como *Outrage* ou *Queer Nation*, deu forma a estruturas culturais e sociais que tem marcado fortemente os movimentos *queer* atuais.

As teorias *queer*, como campo de estudo, poderiam se estruturar em três núcleos diferentes, os estudos que planteiam uma interpretação sobre as diferenças sociais que afetam aspectos como a raça, a etnia e a sexualidade; as teorias que estudam os discursos desde a opressão sexual, em que surgem produções culturais; e os estudos que legitimam as sexualidades não normativas por meio da teorização do desejo e do erotismo.

Aparecem, assim, em centros acadêmicos europeus, e posteriormente nos Estados Unidos, as teorias *queer* que nascem como um conjunto de ideias sobre o gênero e a sexualidade que afirmam serem as identidades sexuais o resultado de uma construção social fictícia e, portanto, rechaçam categorias fixas da sexualidade, impostas a partir da heterossexualidade. Essa postura abre um amplo campo para que os corpos tentem libertar-se dos limites impostos e recebam uma vasta possibilidade de identificarem-se frente ao mundo de acordo com o princípio que postula Butler: “o sexo não condiciona ao gênero: o sexo é um fato biológico e anatômico e o gênero é uma construção sociocultural” (BUTLER, 2007, p. 225).

Filósofos, sociólogos e psicólogos, entre outros acadêmicos de diferentes áreas, pleiteiam a transformação social das identidades e a abertura às diferentes orientações sexuais independentemente da corporiedade, rechaçam a classificação dos indivíduos em categorias fixas e consideram que todas as estruturas de gênero são aprendidas performaticamente e, portanto, podem ser desaprendidas e desconstruídas. Grandes pensadores para as teorias *queer* são Judith Butler, Beatriz Preciado e Michel Foucault, os quais realizam pesquisas não só sobre a natureza efêmera da identidade *queer* e além da insistência sobre a sexualidade e o gênero, entendem que o *queer* se aplica sobre qualquer pessoa que se sinta fora de lugar frente às restrições da heteronormatividade. Junto ao gênero e a identidade, a pornografia, a prostituição e outras zonas obscuras da sexualidade também são estudadas e analisadas. As teorias se dirigem a construir um contato sobre a igualdade não só de sexo, também de raça, classe, etnia dentre outras categorias.

A teorias *queer* tem a emancipação do indivíduo como objetivo contra uma sociedade “sexo fóbica”, promovem a diminuição da repressão erótica tanto de homossexuais como de heterossexuais e entendem que tanto a vida privada como a pública e a política são sexualizadas, portanto, as práticas sexuais também são práticas políticas nas quais o indivíduo marginalizado é agente de mudança social que tem o potencial político para subverter o normativo. Estas teorias *queer* propõem a hibridação como única forma de resistência contra as ideologias homogeneizadoras, já que é um processo abordável desde um nível individual e pessoal; o conceito de hibridação é utilizado por aqueles autores que analisam o conceito de identidade, no qual os limites podem ser transgredidos a partir de fusões e possibilidades para que cada indivíduo possa explorar-se dentro de sua militância política.

O gênero, a raça e a classe não são a base constituidora de uma unidade essencial, pelo contrário, desaparecem para brindar ao indivíduo as possibilidades de se constituir dentro de liberdades que conformem sua identidade e assim formar um “nós” entre indivíduos livres. Mas, a teoria encontra limites na utilização do conceito de transgressão de margens, já que, no intento de desestabilizar os limites que dividem o normal do desviado e se organizar contra o que alguns autores tem catalogado como a heteronormatividade (definida como a estrutura cultural sexual que exige a normalização do sexo a partir do gênero masculino e feminino) aparece uma atitude de confrontação com a ambição de se situar nas margens da mesma sociedade que criticam. Essa é uma atitude errônea, já que não existe um espaço fora da sociedade, simplesmente porque o humano é um ser social por definição.

Dentro das teorias *queer*, o questionamento do conceito de identidade como categoria fixa, coerente e natural, abre o caminho para a teorização de outras categorias como a sexualidade e o gênero como questões socialmente construídas. Ao pensar as categorias identitárias como construções sociais, a teoria *queer* abre uma ampla gama de possibilidades interessantes para o ativismo de diversos movimentos sociais.

Alguns teóricos consideram que o conceito de identidade é exclusivo e leva em conta poucas variáveis do indivíduo. Quando o indivíduo está marcado por diferentes componentes ideológicos que podem se misturar ou combinar, optar por uma identidade ou outra implicaria o silenciamento ou a exclusão de importantes experiências. Plantear a possibilidade de inter-relacionar aspectos como a etnia e a classe social com os da sexualidade e gênero supõe uma interessante linha de trabalho, que ajudaria a superar os limites dos movimentos ideológicos e aprofundar análises da subjetividade e seus processos.

Essas ideias permitem também enfrentar a homossexualidade e a heterossexualidade de modo não hierárquico, pois os heterossexuais podem estar tão oprimidos como os homossexuais pela própria heteronormatividade que, de início, os privilegia. Assim, tanto os homossexuais como os heterossexuais estão imersos numa lógica geral de controle da individualidade através da sexualidade e das tecnologias do corpo planteadas por Michael Foucault

As teorias *queer* pensam o indivíduo como um elemento livre, que se estrutura por diferentes elementos socioculturais. Judith Butler reestrutura como uma ficção cultural de atos reiterativos nos quais o gênero se constrói em cada ação, sem que exista algo autêntico com relação ao gênero. Não existiria uma entidade reguladora que reafirma a construção do gênero. Assim, o indivíduo *queer* desativa politicamente estas estruturas sociais a partir do corpo como elemento que pode modificar em seu exercício de liberdade, reposiciona novas corporeidades e sexualidades e também utiliza o sexo como ferramenta de desejo, prazer e poder sem foco exclusivo na genitalidade, se não na exploração de outras formas de produção de gozo.

As práticas *queer* conservam firmemente a ideia de legalizar o corpo marginalizado até incorporá-lo dentro das mesmas instituições que dão forma aos dispositivos de heteronormatividade, já que todo elemento da vida está de um modo ou outro sexualizado, assim como a política e a economia. Se codificam, então, alternativas de sexualidade dentro do existente, pois se reconhece a impossibilidade de negar os conceitos de sexualidade atuais.

Tais teorias, produzidas dentro de ambientes acadêmicos, também tem se deslocado dos grandes centros intelectuais para as “periferias”, já não com a produção de textos e bibliografias, mas com a construção de blogs, fanzines, festivais de cinema, encontros culturais e artísticos. Assim como a filosofia e os estudos culturais, as teorias *queer* tem permeado as artes plásticas e visuais e produzido um eco em alguns artistas conscientes ou não disso.

Os movimentos de revolução sexual nos anos 1960-70 e as manifestações nos anos 1980-90 afetaram a produção artística na relação arte-vida em sua corporeidade. Com o desenvolvimento da tecnologia, a câmera fotográfica e posteriormente a câmera de vídeo se torna uma ferramenta de criação, que foi fortemente utilizada para o registro, principalmente no contexto da *Body Art* dos anos 1960-70, quando o corpo do artista entra em função de conteúdo semântico para realização de *happenings* e performance. Corpo e câmera aparecem como elementos que questionam conceitos como a sexualidade e os mecanismos de controle, principalmente por grupos como o Ativismo Vienense e o Fluxus.

O corpo é, para os teóricos *queer*, o principal catalizador dos processos de identificação que conformam a subjetividade *queer* e o espaço em que se articula o desejo em primeira pessoa. Esse desejo é concretado na prática de sexualidades não normativas, principalmente a bissexualidade e o sadomasoquismo. A teoria *queer* intenta questionar o regime da sexualidade em si, nos conhecimentos que constroem o “eu” como sexual e assumem a heterossexualidade e a homossexualidade como categorias que marcam verdades sobre os indivíduos.

O *queer*, portanto, transpassa, em suas análises, a opressão e a liberação do indivíduo homossexual, em cruzamento com práticas e discursos institucionais que produzem os conhecimentos sobre a sexualidade e as formas em que é organizada a vida social, especialmente nas formas de repressão das diferenças. Desse modo, indica-se que o estudo da homossexualidade não deveria ser o estudo da minoria, mas o estudo dos conhecimentos que organizam a sociedade como um todo mediante a sexualização dos corpos, dos desejos, das relações sociais, conhecimentos culturais e instituições sociais. A teoria *queer* aspira ser uma teoria social, mas este projeto não tem chegado a seu potencial e a maioria das críticas tem sexualizado as práticas e as análises *queer*.

O registro da performance em vídeo permitiu ao artista expandir seu trabalho fora dos limites de tempo e espaço que a performance contempla para transformar o registro em material artístico, e deu ao videoartista ferramentas para começar a utilizar o vídeo como matéria. Artistas como Andy Warhol, Pipilotti Rist ou Cindy Sherman trouxeram o cotidiano para a produção de arte e puseram em dúvida os estereótipos de comportamento heterossexual. Já nos anos 1990, estrutura-se um movimento cinematográfico independente chamado *New Queer Cinema*, que de alguma maneira se baseia neste desenvolvimento da relação corpo/câmera. Este movimento ganha muito peso e se torna uma vertente do cinema até a atualidade, com a aparição de festivais de cinema *queer* independente em diferentes capitais do mundo.

Assim, esses fatores históricos começam com os movimentos LGBT e, posteriormente, a dupla corpo/câmera e o cinema abrem a possibilidade cultural para artistas contemporâneos estruturarem discursos culturais e políticos que questionam estruturas sociais impostas sobre o corpo do outro fora da normatividade. Além disso, os centros intelectuais que estruturam e dão forma às teorias *queer* e às novas visualidades artísticas dão abertura a outros centros de pensamento. Este é o caso da América Latina, onde o colonialismo senta as bases e as estruturas sociais e a religião compromete o corpo do indivíduo de forma mais contundente. Aparecem, também nesse espaço, movimentos de contracultura *queer* que darão visibilidade ao corpo negro, mulato, indígena e homossexual, principalmente no Brasil pós-ditadura civil-militar, bem como na Colômbia, com a luta constante frente ao estado heteropatriarcal e a Igreja, que não reconhecem outras individualidades fora da heteronormatividade.

Vários artistas utilizam e dão forma a um movimento dentro das artes *queer* chamado Post Pornô, para o qual o conceito de pornografia e as leituras feministas mudam para tornar visível outras maneiras de sexualidade e para fazer uma crítica frente a indústria pornográfica sexista e a representação dos sexos frente aos meios de comunicação em massa. Dentro do Post Pornô, as minorias sexuais aparecem, tem voz e corpo, tornam-se visíveis e abrem debate sobre os corpos que desafiam as normas sexuais e de gênero frente a esquemas machistas que dividem os corpos entre “bons” e “maus”.

Dessa maneira, podemos encontrar videoartistas no Brasil e na Colômbia que problematizam o *queer* e as identidades LGBT em épocas recentes. O artista Judinilson Júnior traz, em sua obra “Exercício de me ver”, de 1980, uma série de retratos de seu próprio corpo homossexual a partir de arte-xerox. O artista faz uso do corpo e o caracteriza durante seu trabalho individual. Durante a época pós-ditadura ele faz parte do coletivo artístico 3NÓS3, no qual realiza intervenções artísticas em monumentos e áreas públicas que criticavam a proibição e a censura que sofreram os artistas durante a época da ditadura militar no Brasil. Posteriormente, seus trabalhos propõem a fragilidade do corpo e da necessidade de se encaixar dentro de regulamentações heteronormativas que qualquer pessoa homossexual vem a sofrer, além de não ser uma obra propriamente audiovisual. Este trabalho se aproxima de ferramentas que o vídeo utiliza, como os planos e enquadramentos que a linguagem audiovisual aproveita e a utilização de objetos tecnológicos como ferramenta, neste caso a máquina de tirar xerox, na

qual os fotogramas de um corpo em exploração frente a um objeto tecnológico reproduz um corpo que brinca com sua própria construção.

Outro artista brasileiro que manifesta em seu trabalho as identidades LGBT para visualizar outro tipo de olhar é Rafael França, que também faz parte do coletivo artístico 3NÓS3, junto a Judinilson Junior. Em suas obras fora do coletivo, especificamente na obra “*Preludio de uma morte anunciada*” de 1991, uma de suas últimas obras antes de morrer de AIDS, o artista retrata dois corpos masculinos que entre carícias e beijos plasmam a ideia do amor ideal e platônico, sem embargo censurado, já que a câmera tem como primeiro plano só as bocas masculinas que entre melodia romântica demonstram seu amor. Esta obra dá conta da autocensura dentro dos próprios movimentos LGBT a partir do medo e a violência que esta comunidade vive dia a dia. Além disso, mostra a superação do medo da morte a partir do amor e da felicidade de encontrar alguém sem se importar com a evidente transição de estar vivo e viver com uma enfermidade que torna quem a padece estigmatizado pela sociedade ignorante da época, a qual ainda mantém o medo àquela pessoa homossexual que possivelmente está doente.

Outra artista brasileira contemporânea que retrata identidades *queer* dentro de seu trabalho é a Virginia De Medeiros, especificamente em sua obra audiovisual “*Sérgio Simone*” de 2011, esta obra se caracteriza por já não ser mais o artista retratado quem tenta dar voz a diferentes situações sócio culturais. A artista utiliza métodos antropológicos e jornalísticos baseada na estratégia documental para ir além do testemunho, ela questiona os limites entre a realidade e a ficção ao retratar a história de uma travesti da cidade de Salvador que depois de entrar em convulsão por causa de uma overdose de *crack*, seguida de uma revelação na qual acredita ter encontrado a Deus, o que a leva a abandonar sua condição de travesti e retornar a sua vida como homem, e em retorno a seu nome de batismo, Sérgio. Esta obra dialoga com a percepção de identidade, permeada por elementos socioculturais e inclusive econômicos, em que o indivíduo é constituído por barreiras imaginárias que separam outros modos de existência. Este trabalho busca demonstrar um mundo diverso onde cabem contradições, desconstruções e desafios frente a uma sensação de incompletude que permeia a maioria das sociedades, sobretudo nos países latino americanos.

No caso dos artistas colombianos, a obra de Miguel Angel Rojas “*Corte no olho – Corte en el ojo*”, de 1979, é uma peça de vídeo na qual registra um cinema pornô muito tradicional entre os anos setenta e oitenta na cidade de Bogotá. Muito frequentado por uma população masculina tanto hetero como homossexual, neste cinema se praticavam relações sexuais que deixavam o prazer carnal acontecer entre vídeos, obscuridade e as cadeiras do cinema. A obra constitui-se por fotogramas filmados dentro do cinema durante as projeções e os encontros dos homens, que entre a obscuridade exibiam pequenos gestos, quase imperceptíveis para que outros se aproximassem, como uma espécie de voyeur em vigilância das abordagens. A obra é um registro de experiências eróticas que reconciliam a diferença sexual em uma sociedade que denuncia e rechaça aquele que se encontra fora da sociedade heteronormativa. Nesta obra se evidencia e questiona a ideia do público e do privado ao registrar um lugar que permitiu aos jovens da época se reconciliarem com a diferença sexual. O título da obra deve-se a um golpe que o artista recebeu ao retratar um dos encontros, no qual foi agredido no olho, um corte não só no olho, mas também na câmera de vídeo que utilizava. Trata-se de uma obra que dá conta da sociedade tanto da época como da atual colombiana, uma sociedade hipócrita em que o diferente é excluído por causa das boas maneiras e costumes.

A obra “*Ontem Mataram uma travesti – anoche mataron a una travesti*”, de Santiago Echeverri, de 1993, é um videoclipe em que o artista se senta frente a câmera e conta as notícias perturbadoras da morte de uma travesti assassinada na noite anterior. Critica-se as varreduras de limpeza social e a intolerância nacional frente aos crimes de homofobia e transfobia que ocorrem na época na tentativa de se exigir justiça e estratégias que protejam a comunidade. As obras do artista estão marcadas por um forte ativismo em luta dos direitos LGBT assim como

por uma preocupação pela conflitiva realidade do país e de outros países do mundo que ainda violenta e não reconhece o indivíduo LGBT frente a seus direitos plenos como ser humano.

Por último, temos o artista colombiano atual Juan Pablo Echeverri. A maior parte de seu trabalho baseia-se em videoclipes com músicas representativas do mundo LGBT dos quais se apropria para se tornar uma declaração da cultura *queer* ao mundo. Em cada videoclipe, ele se transforma num personagem de acordo com a música e faz uma seleção de países do mundo onde a vida e os direitos homossexuais são aceitos ou reprimidos de acordo com seus governos. Este projeto artístico é chamado “*Around the world in 80 gays*” e dentro deste projeto selecionamos o vídeo “*Gay Gone Wild*”, de 2013, no qual o artista se transforma em um personagem andrógono meio estrela do *rock and roll* e indígena que navega numa pequena embarcação o rio Amazonas, que abraça sua animalidade dentro do mato pela dança e movimentos afeminados enquanto realiza o playback da música *Welcome to the jungle*, do grupo musical *Guns N’ Roses*, de 1987. O videoclipe questiona como a globalização tem permeado cada espaço no planeta, assim até o mais recôndito lugar como é a selva, também tem se permeado com diferentes movimentos tanto culturais como econômicos, assim se tem configurado uma colonização na qual os países perdem parte de suas tradições para aderir, dentro de suas práticas, demonstrações culturais que não são próprias. Além disso, o artista pretende, com este personagem, abrir um espaço crítico frente a diferentes identidades e corpos *queer*, já não só o homem homossexual branco das grandes metrópoles, mas também o indivíduo que pertence a minorias raciais, como o negro, o mulato, o indígena, que também pode e deve ter voz dentro das configurações identitárias LGBT.

Estas aproximações ao redor da vídeoarte no decorrer das épocas evidentemente passam pela experiência pessoal do artista para criar um discurso partindo do individual até o global. Este tipo de expressões artísticas abre oportunidade para consolidar discursos que permitam dar voz ao outro, ao marginal, dão passo a outorgar dentro e fora do âmbito acadêmico um espaço de discussão ao movimento LGBT e ao outro que se expõe para transformar o olhar e o falar em um fato democrático. Estas obras artísticas não só conversam sobre situações pessoais de cada artista, mas também são reflexo da sociedade e as situações sociopolíticas da época na qual cada obra está demarcada.

É evidente que a luta pelos direitos e pelo reconhecimento da população LGBT tem um longo caminho, mas ainda falta muito mais. As diferentes expressões artísticas dão visibilidade a este tipo de problemática, ajudam em grande medida para que outras pessoas entendam e modifiquem a sua percepção errada conta as minorias sexuais. Evidentemente ficam de fora muitos artistas que exaustivamente tem se referido a temáticas LGBT dentro de seu trabalho para evidenciar tantas problemáticas, mas sem dúvidas esses seis artistas selecionados revelam por suas obras características que as sociedades, tanto colombiana como brasileira, vivem dentro de suas políticas sobre identidades para além da heteronormativa, sendo assim reflexo de situações que se vivenciam em outros países considerados de “terceiro mundo”.

Atualmente são vários os artistas jovens e os coletivos artísticos que participam ativamente na produção da arte *queer*, que criam não só obras artísticas para circuitos expositivos, como também abrem espaços em eventos como festivais de cinema *queer*, festivais de arte, peças de dança, teatro e literatura, entre outras formas de criação, para que o tema seja mais popular e comum. Isso demonstra que evidentemente deve se gerar uma mudança na forma de dar visibilidade e construir uma sociedade na qual a diferença seja respeitada e aceita em políticas de censura e de desigualdades, o que obriga a dar visibilidade a diferentes tipos de expressão que democratizem espaços culturais e sobretudo humanos.

Referências

- BUTLER, Judith. **Criticamente subversiva**. En Sexualidades Transgresoras. Una antología de estudios queer, Ed Icaria, Barcelona 2002, Pp. 55-79.
- _____. **Cuerpos que importan**. Ed. Paidós, Buenos Aires, 1993.
- _____. **El Género en disputa**. El feminismo y la subversión de la identidad. Ed. Paidós. Barcelona. 2007
- CABALLERO, Antonio. **La Representación de las masculinidades en el vídeo arte español**. Tesis Para optar por el grado de doctor. Universidad Complutense de Madrid, Facultad de ciencias de la información. 2013.
- DEWEY, Jhon. **El arte como experiencia**. Ed Paidós. Barcelona. 2006.
- EPPS, Brad. Retos, riesgos, pautas y promesas de la teoría queer. **Revista Iberoamericana**, Vol LXXIV, Num 225, Octubre-Diciembre, 2008.
- FONSECA, Carlos. La teoría queer, la de-construcción de las sexualidades periféricas. **Revista Sociológica**, Año 24, número 69, Enero-abril, 2009, pp 43-60. Mexico.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pos modernidade**. Ed DP&A. 2004.
- HOCQUENGHEM, Guy. **El Deseo homossexual**. Ed Melusina, España. 2000.
- KIMMEL, Michael. Homofobia, temor, vergüenza y silencio en la identidad masculina. En Valdes, Teresa y Jose Olavarria. **Masculinidades: Poder y crisis**. Cap 3, ISIS-FLACSO. Ed de las mujeres. número 24. pp 49-62.
- LARRAIN. Jorge. El concepto de identidad. **Revista FAMECOS**. n 21. Porto Alegre, Agosto. 2003.
- LÓPEZ, Susana. **El Laberinto Queer**. Ed. EGALES, Barcelona, 2008.
- LOPES LOURO, Guacira. **O corpo educado, pedagogias da sexualidade**. Ed Autentica, Belo horizonte, 2000. Pp 176.
- PRECIADO, Beatriz. **Pornotopia, Arquitectura y sexualidade en “playboy” durante la guerra fría**. Ed Anagrama. Barcelona, 2010.
- PRECIADO, Beatriz. **Manifiesto contra-sexual, Practicas subversivas de identidad sexual**. Ed Opera prima. Madrid, 2002.
- PRECIADO, Beatriz. **Testo Yonqui**. Ed Espasa. Madrid. 2008.
- RENDON, Daniela. **EL abc de la teoría queer**. Ed Espolea. 2008.
- SOLANA, Mariela. La teoría queer y las narrativas progressistas de identidad. **Revista La Ventana**. Num 37. 2013.
- STRELKOV. Andrea. **Identidad/es gay?: estereotipos y singularidades**. Trabajo Final de grado. Universidad nacional de La Plata. Facultad de humanidades y ciencias de la educación. Argentina. 2004.
- VITERI, Amelia. SERRANO, Jose, VIDAL-ORTIZ, Salvador. ¿Como se piensa lo “queer” en América Latina. En Iconos, Revista De Ciencias Sociales, Num 39. Quito, Enero 2011, pp 47-60. Facultad de ciencias sociales- Sede académica de Ecuador.
- _____. **Resignificaciones, practicas y políticas queer en américa latina: otra agenda de cambio social**. Revista Iconos, num 39. 2010.